

Cigano/a evangélico/a pentecostal: dualidade de pertencimento?¹

Rosa Maria de Aquino, UFRPE/Brasil

Palavras-Chave: Cigano – pentecostal – conflito

Introdução

Os povos ciganos, no Brasil, encontram-se entre os considerados tradicionais. Incluí-los na categoria de povos já difunde a idéia de que são vários e que existem diferenças entre eles. De fato, linguagem e costumes próprios, organização social peculiar, estrutura de parentesco definida e ênfase à ancestralidade e à tradição não garantem a homogeneidade desses grupos. Cada grupo é um grupo. Inclusive quando se trata da religião que professam mesmo intra-grupos. Para compreendê-los, pois, é preciso estudar suas particularidades, sem perder a dimensão da sua inserção na composição do macrocosmo.

Este texto, cuja gênese está em uma pesquisa mais ampla, em andamento, sob o título “Ciganos pentecostais e intolerância religiosa”, propõe uma reflexão sobre as convergências e divergências que porventura possam ser encontradas no modo de “ser cigano evangélico pentecostal” confrontado com o modo de “ser cigano”. Se de um lado a adesão ao pentecostalismo requer dos seus adeptos comportamentos que impõem limites à sua liberdade, de outro lado, o cultivo das tradições é uma realidade que identifica os povos ciganos e lhes atiza o sentimento de pertencimento.

De fato, ao aderir ao pentecostalismo algumas mudanças de vida passam a ser percebidas diante do apelo do “*novo homem*”, da “*nova criatura*”, do “*estar no mundo, mas não ser do mundo*”. Alguns interlocutores, convertidos, confirmam essa cosmovisão com conseqüente repercussão no seu *ethos*: não dançam, não ingerem bebida alcoólica, as ciganas abandonam a quiromancia, entre outras transformações que tornam visível a nova condição.

Tais mudanças, contudo, não garantem homogeneidade de comportamento entre os ciganos, como assegura Shimura (2007, p. 25): “cada grupo em particular possui expressões singulares para manifestar sua ciganidade: elementos assimilados e apreendidos em contextos específicos (regionalismos, linguagens, dinâmicas de

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

sobrevivência, moradia etc)”. São observações que podem também ser aplicadas ao exercício religioso, inclusive quanto à compreensão do que pode ou deve ser abandonado em razão de ser evangélico.

Ressalto que a influência evangélica entre os povos ciganos não causa surpresa. O Censo (IBGE, 2010) registra 22,2% de brasileiros evangélicos, 42,3 milhões² em números absolutos, sobre uma população de 190.732.694 pessoas. Desse total 60,0% pertencem a denominações pentecostais ou neopentecostais, que se destacam pelo seu caráter proselitista e grande alcance midiático. Diante desse número, decerto, a população cigana não está imune a essas influências, pois em diferentes locais onde se fixa (a sedentária) ou por onde passa (a itinerante), nos contatos e convivências com diversos atores sociais imbuídos de distintas culturas, dissemina e, em paralelo, absorve diferentes traços culturais, mas também religiosos.

Considereei três os grupos constitutivos do meu campo de pesquisa: i) os dois primeiros, itinerantes, pertencentes a uma só família, ocuparam em momentos distintos o mesmo espaço físico, um terreno baldio na praia Barra de Jangada, em Jaboatão dos Guararapes (PE). A cada vez com diferentes integrantes e chefias mulheres, irmãs entre si. Reconheço que, embora se trate de dois grupos, para efeito de análise nessa fase da pesquisa, considero-os único, posto que as observações realizadas e as respostas aos temas abordados em nada divergiram; ii) o segundo, uma família – pai, mãe e filha – com habitação fixa em Ibiranga, distrito de Itambé (PE). O casal mora no local há cerca 40 anos e, segundo D. Sara, esposa de Seu Antônio Seresteiro, o local, hoje ocupado pela casa que habitam é o mesmo em que sua tenda ficava na época em que moravam em acampamento.

Utilizei uma metodologia qualitativa, de caráter antropológico, com observações diretas, entrevistas semi-estruturadas, gravações de áudio, registros fotográficos, além de conversas informais. As entrevistas, em particular as realizadas no acampamento, quase sempre foram executadas de modo coletivo, de vez que à minha chegada, a maior parte do grupo ficava no meu entorno e, a cada pergunta dirigida para uma pessoa, várias a respondiam, não raro, simultaneamente. Poucas vezes consegui entrevistar alguém isoladamente, salvo quando as outras se afastavam, por aparente desinteresse sobre o assunto em pauta. – *A dinâmica é outra*, alertou a Professora Patrícia Goldfarb,

² Em 2000 eram cerca de 26,2 milhões (IBGE, 2010).

a quem estou vinculada no estágio pós-doutoral do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal da Paraíba – PPGA/UFPB, quando lhe expus o fato como uma dificuldade no campo de estudo. Em contrapartida, no grupo da família fixa fiz as entrevistas com certa dose de tranquilidade, muito embora não de forma isolada, vez que a família, inclusive alguns da família extensa, e um cigano que me inseriu no grupo permaneciam no recinto, o que não considero que influenciou nos resultados do trabalho.

A escolha dos meus interlocutores recaiu prioritariamente sobre ciganos evangélicos pentecostais ou que tivessem tido alguma experiência com a fé pentecostal, para que desse modo pudesse compreender sua relação com o duplo pertencimento identitário. Os resultados foram diversos. Encontrei ciganos que mudaram de comportamento por aderir à fé pentecostal, mas também os que relativizaram tais transformações. Uma das razões mais presentes na adesão ao pentecostalismo foi a vontade de livrar-se de vícios, principalmente os relacionados a bebidas alcoólicas. E em alguns casos, o pertencimento cigano sobrepujou a identidade evangélica.

1. *Lócus da pesquisa*

Meu contato inicial com o primeiro grupo de ciganos deu-se na praia de Boa Viagem, em Recife (PE)³. Seis ciganas, com suas roupas longas e coloridas, em tons fortes, compondo uma estética muito específica, estavam paradas numa barraca de venda de coco verde. Abordei-as. Identifiquei-me como professora/pesquisadora e perguntei-lhes onde estavam acampadas e se tinha ciganos evangélicos no grupo, razão primeira do meu interesse. Elas olharam-me intensamente, antes de responder, como se buscassem a certeza de que eu estava sendo verdadeira (AQUINO, 2018a, p. 1).

Dias depois o encontro se repetiu nas mesmas imediações. Três delas me reconheceram. Então fui mais além. Perguntei se poderia visitar o acampamento. A receptividade foi a melhor possível:

- A senhora será bem chegada. Nós tá arranchada em Barra de Jangada. Quando a senhora chegar no último sinal vai ver desse lado [o esquerdo] sete tenda. A senhora pode apear que tamo lá (AQUINO, 2018a, p. 2).

³ Ciclicamente grupos de ciganas circulam pelas areias dessa praia oferecendo-se para ler a mão dos frequentadores, notadamente das mulheres, em troca de algum dinheiro. A maior parte das pessoas recusa qualquer contato, mas outras aceitam.

Achegar, arranchar, apaar. Palavrado próprio. - *E preciso de autorização?* – perguntei. - *Já tem, ela é a chefe*, apontando para a, aparentemente, mais velha dentre elas, que com o menear da cabeça acenou um sim. Agradei e antes que saísse, uma das mais jovens pediu que levasse *uma coisinha* para elas. Pedi explicação: – *Uma cesta básica*, respondeu. Outra juntou: - *É sete tenda. Uma para cada família* (AQUINO, 2018a, p. 1-2).

Na minha primeira visita ao rancho levei uma cesta básica e a entreguei à chefe. De outra vez levei roupas e lençóis a pedido delas. Outras demandas surgiram, mas ficamos em constante processo de negociação: leite, fralda, blusa parecida com a que eu estava vestida e mais cesta básica. Em um trabalho de teor antropológico, essa relação de interesse mútuo, mas com objetivos distintos, pode ser compreendida pela explicação de Berreman (1990, p. 142): “As impressões, que o etnógrafo e os sujeitos procuram projetar mutuamente são, portanto, as que julgam ser favoráveis à consecução de seus objetivos respectivos: [...]”.

O grupo que visitei inicialmente era constituído de cerca de 3 homens, 7 mulheres, algumas crianças e adolescentes. Posteriormente, em outra visita, fui surpreendida com a presença de pessoas cujos rostos me eram desconhecidos. O primeiro grupo teve que voltar às pressas para seu lugar de origem, o estado de Sergipe, porque a chefe, D. Alina⁴, havia adoecido (AQUINO, 2018a, p. 6).

Essa foi a justificativa para a mudança. Por estar na fase de construção da confiança mútua, penso novamente em Berreman (1990, p. 142) que alerta para o fato de que “o etnógrafo procura obter informações sobre a região interior; os sujeitos procuram proteger seus segredos, já que representam uma ameaça à imagem pública que desejam manter”. Quero com isto dizer que, com frequência, existe uma explicação para os de dentro do grupo e outra para os de fora.

Como dito anteriormente, os dois grupos pertencem a uma só família, *Árvore*. Neste novo grupo há mais homens, mas menos que mulheres como o anterior, mais crianças e adolescentes. A chefia também está sendo exercida por uma mulher, D. Ada, irmã de D. Alina, o que parece fugir à normalidade, pois em geral entre os povos ciganos predomina a autoridade paterna, confirmado por Delgado et al (2004?, p. 55). Foi-me dito que permaneceriam no local cerca de três meses, mas posteriormente, fui

⁴ Alguns nomes usados são fictícios em respeito ao anonimato das pessoas observadas e das pessoas entrevistadas. Outros, não.

informada que intencionavam se deslocar para Natal (RN), porque não estavam conseguindo dinheiro para a sobrevivência.

As inscrições corporais nas mulheres, como a pele excessivamente curtida pelo sol, saltam aos olhos e denunciam sua forma de ganhar a vida: andar pela praia para ler a mão das pessoas e ganhar algum dinheiro de modo a garantir sua sobrevivência (AQUINO, 2018a, p. 3).

Quanto ao acampamento tem um aspecto precário, porém não incomum. Localiza-se em um terreno baldio, junto a uma Borracharia, próximo a alguns prédios e casas de aparente classe média. Algumas tendas de tecido colorido, outras de material de propaganda, se distribuem por todo o espaço, transmitindo, aos desavisados, a impressão de improvisação. Eram sete no primeiro grupo e mais de dez no segundo grupo. Lixo e muitos pedaços de tábuas se espalham, cinzas do que em algum momento foi fogo, um pequeno quadrado de quatro paredes de palha – o banheiro – e roupas dependuradas nos varais completam o cenário.

Desde 2012 essa família acampa nesse local, segundo Gabriel, genro de D. Ada. O proprietário do terreno, diz ainda, orientou os filhos a também aceitarem os ciganos sempre que chegassem para se instalar no local.

Com relação à família fixada em Ibiranga (Itambé/PE), tive acesso por intermédio de Enildo Soares dos Santos Filho, presidente da Associação de Ciganos de Pernambuco, indicado pela Professora Patrícia Goldfarb, e que tem sido precioso na minha inserção nesse universo. Seu Antônio Seresteiro⁵ é o líder do grupo composto por cerca de 30 pessoas, segundo D. Sara, sua esposa (SARA, 2018, p. 2) e que habitam em diversas casas naquele distrito. Além de exercer essa liderança, ocupa a vice-presidência da Associação de Ciganos de Pernambuco. Nas vezes em que fui na sua casa tive sempre boa receptividade. É artista, seresteiro, cantor, compositor, locutor e mantém um Programa na Rádio local. Após cada conversa sempre cantava, tocava violão e nos estimulava a acompanhá-lo. Entrava-se em clima de festa. Em uma das vezes mostrou um CD gravado por ele e músicas de sua composição. De outra vez, Seu Adilson, seu irmão e também cantor e compositor, juntou-se a ele na voz e violão (AQUINO, 2018b, p. 2-5).

D. Sara informou que sua família veio da Bahia e do sertão da Paraíba para fixar-se nesse local (SARA, 2018, p. 3). De acordo com Seu Antônio esse processo teve

⁵ Seu nome é Eliezer Dantas.

início com seu tataravô e companheiros, os quais circulavam pelos engenhos da região com cargas para efetuar trocas, a exemplo de armas, cavalos, burros. Seus avós, assegura, eram amigos dos donos de engenhos e, junto com seu pai mantinham relações de amizade com famílias até hoje conhecidas na política pernambucana (AQUINO, 2018b, p. 3).

2. Ser cigano

Sem pretensões de propor uma revisão bibliográfica exaustiva, destaco alguns autores que buscam responder, a partir do aprofundamento de seus estudos sobre o que é ser cigano. Começo por Goldfarb (2010, p. 165) que responde como sendo “Grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que se pensam e são pensados como diferentes”. Enquanto Moonen (2013, p. 13) define-os como “cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se auto-identifica como Rom, Sinti ou Calon⁶, ou de um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro”.

Delgado et al (2004?, p. 55), por outro lado, elaboram sua conceituação tomando como parâmetros a língua, o vínculo com os laços familiares, a autoridade paterna nas tradições e nos costumes próprios, como símbolos constitutivos dos povos ciganos. Para outro autor, Shimura (2017, p. 13), ser cigano significa que “para além do parentesco consanguíneo, pode implicar num processo de construção identitária, sendo algo subjetivo, (re)construído, elaborado a partir de muitos elementos, circunstâncias e fatos etc.”

Embora a consanguinidade seja compreendida como elemento objetivo, o olhar desses autores converge para a subjetividade que modela o pertencimento, uma vez que se reconhecer e ser reconhecido dinamizam a relação travada tanto no grupo de pertencimento, o cigano, quanto no de não pertencimento, a sociedade de maneira geral. Como numa via de sentido duplo, não basta se sentir cigano, mas também ser considerado cigano.

Esse conjunto de elementos que busca compreender o “ser cigano” pode ser sintetizado no termo “ciganidade”, e mesmo que o seu conteúdo possa ter significações variadas, atribuídas pelas diversas percepções de cunho antropológico ou não, “é tratado como sinônimo para ‘identidade’ ou ‘cultura cigana’”, sinaliza Shimura (2017, p. 17).

⁶ “Três grandes grupos que compõem os povos ciganos”, classificação utilizada pelo Ministério da Saúde, em parceria com a Associação Maylê Sara Kalí (AMSK) (BRASIL, 2015, p. 9). Os grupos que constituem meu campo de estudo pertencem à etnia Calon.

Esse autor (*ibid* p. 27) mostra ainda que, além da subjetividade implícita na ciganidade, ela tem na sua composição “uma pluralidade étnica e cultural, como um ‘mosaico’, formada por múltiplas unidades”. As ciganidades, portanto, são tão plurais quanto plurais os grupos que as representam.

No entanto, enquanto os estudiosos envidam esforços intelectuais e fazem malabarismos linguísticos para conceituar o que é ser cigano, alguns nativos simplificam e corroboram as diferenças nas semelhanças, sem que necessariamente se identifique unicidade na ciganidade.

Senão vejamos algumas respostas ao que é ser cigano, ou como se delimita a ciganidade, do grupo itinerante, em particular: *é um dom* (transfere para outra dimensão, fora do controle ou da escolha, vem de dentro para fora); *é tradição, é vir de geração em geração, é nascer cigana* (ênfase à ancestralidade, à cultura); *está no sangue* (origem biológica); *cigano ou não é a mesma matéria e tem a mesma proteção* (é tão importante quanto o não cigano); *é rama do Egito, é vir do Egito* (origem posta em lugar distante, em tempos remotos, fora do Brasil) (AQUINO, 2018a, p. 3, 7).

Ou como D. Sara, de Ibiranga, que enfatizou a língua como fator primordial da identidade cigana. Afirmou: - *Cigano que não fala romani, e a língua depende da etnia, não é cigano puro, deve ter sido criado com juron*⁷ (AQUINO, 2018b, p.3). Entre os ciganos em Sousa (PB), Goldfarb (2013, pp. 102-103) corrobora a importância da língua, abordada por D. Sara, e mostra que os ciganos não utilizam exclusivamente a língua portuguesa, mas entre eles, usam “...um outro dialeto ou linguagem específica. [...] Trata-se do “...calo, calon ou cale”.

Antes de mostrar o cigano imbuído de sua identidade evangélica pentecostal esclareço de forma sintetizada o significado de ser pentecostal.

2. Evangélico pentecostal⁸

Devo considerar a complexidade do universo protestante ou evangélico⁹, diante das diferentes classificações elaboradas por diversos autores. Minha escolha, pela sua simplicidade e suficiência para o nível de compreensão que requer este texto, recai na de Campos; Silva; Rega (2006, p. 85), que consideram igrejas históricas, pentecostais e

⁷ Não cigano.

⁸ “Enquanto movimento organizado, ele [o pentecostalismo] é geralmente associado ao Azusa Street Revival [Reavivamento da Rua Azusa] em Los Angeles, na Califórnia, nos primeiros anos do século XX” (ELLER, 2018, p. 308).

⁹ Neste texto não faço distinção entre protestante e evangélico.

neopentecostais. Interessa-me o que os autores aludem às duas últimas. As pentecostais se diferenciam das históricas “pela ênfase que dão aos poderes do Espírito Santo” e se constituem no maior grupo, hoje, no Brasil. Enquanto as neopentecostais, surgem na década de 1970, por meio de divisão das pentecostais, mas se constituem no setor que mais cresce e utilizam intensamente a mídia eletrônica como meio de atrair os fieis para suas fileiras. Dentre as citadas por meus interlocutores a Assembléia de Deus, insere-se como pentecostal e a Igreja Mundial do Poder de Deus¹⁰, como neopentecostal.

De fato, o exercício da glossolalia e do exorcismo demarca os “poderes do Espírito Santo” nas igrejas pentecostais, além do apelo às emoções que se expressam por meio de cânticos, orações, sermões, profecias e testemunhos. Além desses elementos, as neopentecostais têm na prosperidade o que mais chama a atenção, pois oferece ao seu fiel a certeza da obtenção de vitórias espirituais e materiais tanto pela sua filiação à divindade quanto pelo cumprimento de votos onde se incluem ofertas materiais. A não obtenção das vitórias nestas duas dimensões pode ser explicada pela presença do pecado na vida do fiel. No alcance dessas vitórias ver-se-á mais adiante, o domínio dos vícios ligados ao alcoolismo, por exemplo, citado como uma das vitórias alcançadas pelos ciganos pentecostais.

Um amplo leque de elementos dá visibilidade a esses vieses evangélicos, a exemplo de música gospel, instituições educacionais, publicações, editoras, atletas, homens e mulheres de negócio, pessoas de fama presentes na mídia de massa, participação na política e, mais recentemente, se constituindo em força decisiva¹¹ na vitória de candidatos conservadores, sobretudo no candidato a presidente da República.

3. Uma etnografia das interdições

Apresento alguns registros etnográficos que mostram as possíveis mudanças que possam ocorrer com os ciganos que professam a fé evangélica pentecostal. Tais interdições passam a fazer parte do seu cotidiano, contudo, variam nas diferentes culturas. Não há homogeneidade nas proibições. Entre meus interlocutores o tríduo – beber, dançar, fumar – junto ou separado constitui o mais citado como algo a ser

¹⁰ “Fundada em 03 de Março de 1998 pelo Apóstolo Valdemiro Santiago, a Igreja Mundial do Poder de Deus conta com cerca de 6.000 templos divididos entre Brasil e demais países do mundo”.
<https://www.impd.org.br/institucional>

¹¹ Pode ser discutível se essa participação é consciente ou fruto de indução e manipulação de seus líderes. Há de se considerar, ainda, que não se pode generalizar, pois uma parcela grande de evangélicos optou pelo candidato que representou a continuidade democrática do país. Esse assunto, no entanto, não diz respeito a este estudo.

abandonado para os adeptos da igreja evangélica pentecostal. Mas também fumar e a prática da quiromancia. Narro alguns depoimentos para uma melhor compreensão:

- a) Um dos filhos de D. Alina, 69 anos (chefe de um dos grupos), confirma que alguns ciganos são evangélicos e se vinculam à Igreja Mundial. Em Capela (SE) um cigano, primo seu, fundou uma igreja e, embora nem todos freqüentem, *era bom ir porque se encontravam com Deus e ajudava a tirá-los do pecado, paravam mais de beber* (AQUINO, 2018a, p. 3).
- b) D. Ada, 55 anos (chefe de outro grupo), é evangélica há 2 anos, também da Igreja Mundial. Foi ser evangélica porque os filhos bebiam muito. Um genro, Gabriel, e um dos filhos dela confirmaram que deixaram, mas que ainda bebiam um pouco, mas não como antes. Ela não os contestou e insistiu que *antes de ser evangélica não tinha sossego, havia muita briga, ignorância*. E que hoje *estão mais mansos, sem brigas, mas doces*¹² (AQUINO, 2018a, p. 6).
- c) Elizângela, do grupo de Ibiranga, converteu-se ao evangelho. Assegurou que nada mudou na vida dela, pois já não bebia nem fumava; utilizou a expressão “do mundo”, para dizer que os ciganos gostam de festa, mas quando se convertem, não mais as freqüentam, saem “do mundo” (AQUINO, 2018b, p. 4).
- d) Ao ser indagada sobre continuar a dançar ou não após a conversão, D. Ada disse que nem ela nem os filhos dançam mais. Em paralelo, Gabriel, seu genro, disse que continuam a dançar, pois é diversão, em contraposição a D. Ada que não contestou (AQUINO, 2018a, p. 6).
- e) D. Ada afirmou que os ciganos evangélicos são ainda mais respeitados que os outros, pois vão *com a Palavra, em nome de Jesus evitam briga* e que ela não tem medo de estar ali (a primeira tenda que se tem contato é a dela quando chegamos por aquele lado no rancho), pois *tem um escudo, em nome de Jesus, que a protege* (AQUINO, 2018a, p. 6).
- f) Olana, de 11 anos, há 5 anos evangélica da Assembléia de Deus. Quando está em Aracaju (SE) vai ao culto pelo menos 3 vezes por semana. Antes de ser evangélica fumava, mas deixou (AQUINO, 2018a, p. 3).
- g) Valdenice, 49 anos, de forte compleição física, olhos verdes e penetrantes, disse que é evangélica e que – *Jesus colocou nossa raça para ser cigana*. Como Olana, não me pareceu convicta quanto ao evangelho, mas para provar que era

¹² Dóceis quis ela dizer.

adepta da Igreja Mundial, mostrou-me um pequeno tecido em formato retangular com informações e versículo que identificam essa igreja. Perguntada se cigana evangélica continuava lendo mão, respondeu-me que sim, mas que algumas não. E esclarece de modo espontâneo e prático: - *Ler mão é um meio de vida, é um dom. Só deixa se tiver outro meio de vida, se for rica, mas nós somos pobres.* Nesse caso, desconstrói-se a idéia que permeia a maioria das respostas, de que o cigano evangélico abdica completamente de seu modo de ser cigano (AQUINO, 2018a, p. 3).

- h) D. Ada dá outra resposta quanto à leitura de mão. - *Não.* E aí perguntei em que ela passa a trabalhar: - *Em artesanato. Ou os homens trabalham* (AQUINO, 2018a, p. 6).
- i) Para D. Sara, a cigana que se converte ao evangelho deixa de cantar músicas que não sejam evangélicas. - *É só louvor.* E não lê mais a mão, embora considere um dom de Deus. Deixa de ler a mão porque *se habitua mais na igreja [...], porque ela reza [...] e na igreja já é diferente. Vai orar, não vai rezar. [...] Na hora que tá lendo a mão ela tá rezando também* (SARA, 2018, p. 6-7).

Os exemplos aqui narrados confirmam a diversidade sinalizada por alguns autores. Os grupos em foco pertencem à mesma etnia, a Calon, mas com comportamentos singulares diante da similitude dos fatos.

Em primeiro lugar, destaco o cuidado com o corpo como “*templo do Espírito Santo*” e todo esforço em não prejudicá-lo com vícios, a exemplo da ingestão de bebida alcoólica, ou de não participar de atividades consideradas “*mundanas*”, como a frequência a bares ou a lugares de danças, os quais constituem indicadores das mudanças de vida dos que professam a nova fé. Contudo, depende da cultura onde está plantado o pentecostalismo, argumentam Delgado et al (2004?, p. 77):

...pero estas restricciones dependen por completo de las culturas y los contextos locales: los bares o los cines no significan lo mismo en un barrio sevillano que en uno de Ciudad de Guatemala y, por tanto, las iglesias juzgan esos espacios (su carácter “mundano”) de manera diferente.

Em segundo lugar, retomo Shimura (2007, p. 25) quanto à especificidade da ciganidade de cada grupo pela influência que absorve do ambiente social em que vive,

tanto como cigano sedentário (com endereço fixo), quanto como cigano que pratica a mobilidade espacial no seu cotidiano, como modo de vida, o cigano itinerante. Os elementos culturais e sociais com os quais dialoga também estabelecem, mesmo sob a fé evangélica pentecostal, as interdições a que têm de se submeter. Dessa forma se ratifica a pluralidade dos grupos ciganos e, ao mesmo tempo, a singularidade de cada um. Uma vez mais Shimura (2007, p. 27) confirma o dueto pluralidade/singularidade com a analogia que faz ao “mosaico”:

cada uma possui uma “cor”, uma “forma”, “espessura”, “textura” etc, algumas mais parecidas com as outras, outras marcadamente diferentes, mas todas formam um único “quadro”, que chamamos de “ciganidade”, ou seja, a “identidade comum dos ciganos.

Essa identidade como construto social pode também ser explicada como “identidade de resistência”, levando-se em conta a taxonomia aplicada por Castels (2008, p. 24):

[Identidade] criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, constituindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos.

Postos esses elementos, evidencia-se que, as mudanças de comportamento são em alguns casos perceptíveis, mas não se configuram como algo imutável e menos ainda homogêneo. De fato, são tão variadas quanto o são as ciganidades, cada uma com sua singularidade. O duplo pertencimento pode conviver sem conflitos entre os povos ciganos, no entanto, em alguns momentos a identidade cigana sobrepuja a identidade evangélica pentecostal, como no caso da leitura da mão por questão de sobrevivência, como meio de vida. Esse é um caso emblemático, pois nega sem qualquer sinal de hipocrisia o engessamento da sua cosmovisão e de seu *ethos* no cotidiano.

Considerações finais

As interferências na identidade cigana ocasionadas pela conversão a igrejas evangélicas pentecostais ou neopentecostais provocam efetivas mudanças na cosmovisão e *ethos* entre ciganos. Não se pode, no entanto, atribuir mudanças a grupos, mas a indivíduos e, ainda assim, com reações diversificadas.

Abolir ou diminuir a ingestão de bebida alcoólica, que por vezes dá origem a conflitos (conforme D. Ada, com relação aos seus filhos), deixar de fumar (Olana, de 11 anos), de dançar, de participar de festas “mundanas” (Elizângela, D. Ada, Gabriel) ou de ler a mão (Valdenice, D. Alina, D. Sara), constituem os principais desafios a vencer, citados pelos meus interlocutores, porém sem unanimidade. Há uma tendência à relativização. Para uns a abolição total, para outros é possível continuar, mas sob um necessário domínio ou diante de uma necessidade. Diminuir a bebida alcoólica para uns, ler a mão se a necessidade de sobrevivência impõe, dançar como diversão. Essa relativização, por vezes sobrepuja a identidade evangélica.

Referências Bibliográficas

AQUINO, R.M. **Diário de Campo6**_Ciganos itinerantes. 2018a.

_____ **Diário de Campo4**_Primeiros contatos. 2018b.

BERREMAN, G. D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do himalaia. In _____ GUIMARÃES, Alba Zaluar. **Desvendando Máscaras Sociais**. Seleção, Introdução e Revisão Técnica. Livraria Francisco Alves Editora S.A.: Rio de Janeiro, 1990. Pp. 123-174.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Subsídios para o Cuidado à Saúde do Povo Cigano**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CAMPOS, L.S.; SILVA, R.R.; REGA, L.S. Usinas de pastores. Como os três principais grupos evangélicos formam seus ministros. **Revista VEJA** – 12 de julho de 2006, pág. 85.

CASTELLS. M. **O poder da Identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

DELGADO, M.C., MONTIEL, C.M., BAENA, S.M., CABEZAS, I.M. **Gitanos Pentecostales** – Una Mirada Antropológica A La Iglesia Filadelfia En Andalucía. Vol.

6. Colección SIGNATURA DEMOS – Una mirada abierta a la sociedad y a la cultura: Sevilha, Espanha, 2004(?).

ELLER, J.D., **Introdução à antropologia da religião**. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GOLDFARB, M.P.L. **Nômades e peregrinos: o passado como elemento identitário entre os ciganos calons na cidade de Sousa-PB. Cadernos de campo**, São Paulo, n. 19, 2010, p. 165-172.

IBGE – 2010 <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas&view=noticia> Acesso em 02 jun.2018

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. **Quem somos.** <https://www.impd.org.br/institucional> Acesso em 03/10/2018

MOONEN, F. **Políticas Ciganas no Brasil e na Europa**. Subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. 2ª ed. rev. e amp., 2013. http://www.amsk.org.br/imagem%5Cpdf%5CFMO_2013_Pol%C3%ADticasCiganasBrasilEuropa.pdf Acesso em 18 ago.2017.

SARA. **Entrevista**. 2018.

SHIMURA, I. **Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante**. Maringá: Amazon, 2017.